# TIMES UNIVERSITÁRIOS NA UFGD: DIAGNÓSTICO DO JUMS 2015 E SUAS POSSIBILIDADES

# UNIVERSITY TEAMS IN UFGD: DIAGNOSIS OFJUMS 2015 AND ITS POSSIBILITIES

Marcos Gabriel Ximenes de Moura[1]
Alcimar Silva de Queiroz[2]

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo compreender o fato da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) não manter times universitários. Mesmo levando-se em consideração que o esporte universitário vem crescendo no Brasil, e que a universidade conta com uma infraestrutura razoável e material humano minimamente necessário para a formação de equipes competitivas. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, baseada nos relatos dos alunos/atletas que jogaram na primeira participação da UFGD nos Jogos Universitários do Mato Grosso do Sul (JUMS), no ano de 2015. Foi realizado um questionário semiestruturado com dez acadêmicos em cinco modalidades representadas no JUMS 2015, e outro questionário respondido pelo coordenador de esporte da UFGD. Foram indicadas apreciações para a criação e manutenção de times universitários a partir desses questionários, no sentido de buscar uma melhor performance das representações das equipes nos anos subsequentes. Conclui-se com esta pesquisa que a UFGD não tem uma cultura no esporte universitário, e que este ocupa lugar secundário nas prioridades da universidade. Também, os alunos/atletas indicam que é preciso maior incentivo ao esporte da universidade, principalmente no que diz respeito a criação de uma bolsa-atleta na UFGD.

**Palavras-chave:** Educação Física. Esporte universitário. JUMS. Bolsa-atleta.

**ABSTRACT:** This study aimed to know why the Federal University of Grande Dourados (UFGD) does not keep college teams. Even taking into account that college sports is growing in Brazil and the university has a reasonable infrastructure and human resources for the formation of competitive teams. This research is qualitative, based on reports of student / athletes who played in the first participation of UFGD in Mato Grosso do Sul University Games (JUMS) in the year 2015. I applied a semi-structured questionnaire in ten students who played at JUMS in 2015 and another questionnaire answered by UFGD sports coordinator. Assessments were given to the creation and maintenance of university teams, in order to pinpoint a better performance of the representations of the teams for the next years. The conclusion of this research leads us to understand that UFGD do not have a culture in university sports, and it occupies a low priority in the university top list. Also, students / athletes indicate that it is very necessary to encourage the sport in the university, indicating the need to creation an athlete-scholarship in UFGD.

**Keywords:** Physical Education. College sports. JUMS. Athlete-scholarship.

[1] Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
[2] Professor Doutor da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

## INTRODUÇÃO

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) não tem times universitários de esportes coletivos. Nossa universidade, com dez anos de fundação, não tem times para competir com as demais universidades do estado e do Brasil[3], embora conte com a infraestrutura e o pessoal necessários à criação de times universitários competitivos, com três quadras para treinamentos das diferentes modalidades e pessoal qualificado para treinar as equipes, que apenas precisam de treinamento conjunto para serem lapidados. Constatando essa falta no esporte universitário da instituição, nos propomos a estudar a sua possibilidade. É possível, a nosso ver, inclusive, estudar as facilidades e as dificuldades para existência de times universitários na UFGD. Procuramos, no texto que se segue, apresentar pontos que denotam a real possibilidade da formação de times universitários que possam representar a universidade dentro e fora da nossa cidade.

Nesse ano de 2015 a DIESP[4], responsável pelo esporte da UFGD, ganhou uma nova direção que marcou reunião com o presidente da federação universitária de Mato Grosso do Sul, na capital em Campo Grande, e, após conversa a respeito da situação de nossa universidade e qual seria o processo para a participação, nossa Universidade conseguiu disputar seus primeiros Jogos Universitários de Mato Grosso do Sul (JUMS).

Em princípio a tarefa não era nada fácil, pois o professor responsável pela DIESP marcou uma reunião com cada representante de cada modalidade (Vôlei, Basquete, Handebol, Futsal) para medir o interesse de cada um em participar dos jogos, se teríamos times para competir. Esse primeiro ponta pé foi muito importante para a universidade, e o professor Pablo Christiano Barbosa Lollo deixou bem claro que o importante não seria ganhar o campeonato, até porque não temos uma estrutura de treinamento e nem treinadores, mais sim darmos início a uma futura geração de equipes

[3] No Brasil o investimento em atletas universitários está longe de se tornar uma cultura; contrastando aos Estados Unidos, cujos atletas começam a criar sua carreira no âmbito universitário, os campeonatos universitários têm grande importância no setor esportivo do país (LIMA, 2012).

[4] O DIESP é o departamento responsável em fomentar a convivência entre os membros da comunidade universitária, alunos, docentes e técnicos administrativos, por meio do lazer e do esporte. É através da DIESP que acontece um dos maiores eventos na UFGD, os Jogos Abertos, que reúne times de todas as faculdades da UFGD. Foi através da DIESP que a UFGD participou dos seus primeiros jogos universitários, fase estadual, no ano de 2015, proporcionando aos estudantes/atletas a primeira experiência de jogos no âmbito universitário. Podendo jogar de igual para igual com os demais representantes das faculdades do Estado. Por meio deste departamento foram criados os primeiros times que representaram a faculdade nos JUMS em 2015. Um dos seus maiores objetivos é oferecer a promoção de esportes para a os acadêmicos, e visando isso a DIESP tem um grande papel para a construção desses times.

campeãs dos jogos universitários. Tivemos uma semana para organizar atletas para jogar, pegar dados pessoais e enviar para Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU).

Tarefa nada fácil, mas não era só isso, a nossa universidade estava no vermelho, não teria dinheiro para cobrir nossas despesas, o máximo que iriamos conseguir seria o ônibus da faculdade. De início íamos ter que pagar o combustível, a arbitragem e nossas despesas pessoais, como nossa alimentação, mas a reitoria da UFGD conseguiu o ônibus e o combustível necessários e tivemos que pagar apenas a arbitragem e nossa alimentação.

Antes de tudo isso, a preocupação era outra, a possibilidade da UFGD participar dos jogos era muito pequena. Porque as faculdades teriam que pagar as mensalidades anteriores atrasadas, relativamente ao fato de que todas as universidades devem pagar, todos os anos, para participarem dos jogos. Após conversa com o presidente da federação universitária, quando se explicou nossa situação, a troca de reitor da universidade, o caixa da faculdade no vermelho, então o presidente da federação deixou com que a UFGD participasse dos jogos de 2015, desde que assumindo a partir daquele ano a mensalidade anual dos jogos, mas anistiou os pagamentos anteriores.

A criação e a manutenção do esporte universitário na UFGD são necessárias. Segundo a perspectiva das fontes consultadas, a universidade precisa de um calendário esportivo, contemplando as datas dos jogos e das competições universitárias, para que haja um cronograma dos treinamentos, da preparação e a da manutenção dos times da universidade nessas determinadas competições. Por exemplo, a partir da obra de Rogado e Miranda (2013), entendemos que é tempo para a comunidade acadêmica produzir e voltar "um maior direcionamento de seus estudos ao desporto universitário, esmiuçando todo esse universo pouco explorado e proporcionando maior embasamento científico aos que por ele batalham".

Mas é também com base em experiência recente nos Jogos Universitários do Mato Grosso do Sul (JUMS) na sua versão de 2015, que gerou relatos - a partir dos quais escrevemos este estudo -, listamos as experiências e opiniões de alunos que dele participaram. Por isso, propõe-se ao final, com base nos relatos obtidos em minha pesquisa, mas também na consulta das poucas fontes disponíveis sobre o assunto, mais abaixo neste texto, a implementação de algum modelo para a formação de times universitários na UFGD. Desde formação dos times (seletivas), dos treinos, cronograma

de competições para que a UFGD tenha times universitários que a represente, dando a importância real que o esporte universitário e o acadêmico merecem.

Em um sentido geral, o Brasil tem uma participação reduzida no esporte não profissional, principalmente quando comparado a países desenvolvidos, como os Estados Unidos. Segundo Cunha (2010), o Produto Interno Bruto (PIB) do esporte do Brasil é muito inferior ao PIB do esporte americano, chegando a ser quinze vezes menor do que esse. Ao falar do esporte não profissional, citamos esse autor quando compara o esporte não-profissional ao esporte universitário:

> Essa disparidade entre o esporte norte americano e o brasileiro aumenta ainda mais quando se refere aos esportes não-profissionais ou universitários. Nos EUA, os esportes universitários, golfe e Nascar movimentam diretamente e indiretamente US$ 30 bilhões. Somente a NCAA (National Collegiate Athletic Association), órgão que rege o esporte universitário dos EUA, tem como receita anual US$ 614 milhões. Enquanto por outro lado no Brasil, o esporte não-profissional universitário é insignificante quando comparado com o norte americano. (CUNHA, 2010).

O autor[5], por ter vivenciado a falta de incentivo com os atletas universitários, resolveu estudar o caso a partir da seguinte questão: qual a estrutura do esporte universitário do Mato Grosso do Sul (MS). Chamando a atenção também quando o assunto é a falta de publicações a respeito do MS, e o pequeno número de publicações no Brasil também. No Brasil, iniciou-se o fortalecimento do esporte universitário quando foi criada uma lei para dar liberdade de organização do esporte universitário nas universidades, que são as Associações Atléticas Acadêmicas (AAA's) que cada curso tem. Essas AAA's formavam segundo Starepravo et. al (2010), as federações estaduais do esporte universitário, formando a Confederação de Desporto universitário. Anos depois, já na década de 1970, houve uma mudança que determinava que as AAA's não fossem constituídas só por seus cursos, mas, também, pelas Instituição de Ensino Superior (IES).

[5] O trabalho foi realizado através de entrevistas feitas com o com o presidente da Federação Universitária de Ensino do Mato Grosso do Sul (FUEMS) e com os representantes dos esportes das 5 universidades filiadas: Anhanguera UNIDERP; IESF; UCDB; UFGD; UFMS .(ROGADO; MIRANDA, 2013; CUNHA, 2010).

Existe a *National Collegiate Athletic Association*[6], entidade máxima dos esportes universitários nos Estados Unidos, que também é responsável por realizar os jogos entre as universidades. Naquele país, o esporte começa desde cedo nas escolas, levando os alunos para o esporte universitário, tornando um caminho continuo fazendo com que aquele atleta do colégio, amador, chegue no esporte profissional através do esporte universitário. Já o Brasil tem uma estrutura de esporte diferente, baseado em clubes, dando apoio ao esporte infantil, mas deixando o esporte universitário como rendimento, não conciliando o esporte com a universidade.

No caso brasileiro, destaca-se a Confederação Brasileira de Desporte Universitário (CBDU), que é formada pela participação das 27 federações estaduais. Cada uma das federações estaduais esta incumbida de organizar campeonatos universitários estaduais, jogado em cada estado da federação, o que os classifica para os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), anualmente.

A Federação Universitária de Esportes do Mato Grosso do Sul (FUEMS) foi fundada em 1977, seu corpo diretor é formado pelo voto das Instituições de Ensino Superior (IES), tendo um mandato de quatro anos, compostos por três cargos, Presidente, 1° Vice-Presidente e 2° Vice-presidente. Tendo oito IES filiadas, que repassam anualmente para a FUEMS uma anuidade no valor de um salário mínimo. Segundo o presidente da federação são as poucas instituições de ensino que cumprem com o combinado:

> Os recursos federais provenientes da Lei Piva vêm sendo repassados diretamente ao governo estadual (FUNDESPORTE), que, segundo o atual presidente da FUEMS, utiliza-o da maneira que bem entende, pois não há especificações na Lei sobre a obrigatoriedade de repasse dessa verba diretamente para as federações, deixando o esporte universitário à mercê de vontade política. Essa realidade faz com que o presidente da federação, precise utilizar recursos pessoais, segundo ele, para

[6] A *National Collegiate Athetic Association* (NCAA) nos EUA representa a organização máxima nos esportes universitários. Tem um sistema que valoriza os seus estudantes esportivos, tornando-se um modelo a ser aplicado em outros países. Nos EUA é impossível um atleta pular a etapa universitária; essa etapa é fundamental para que ele se torne um profissional na sua modalidade. Já no Brasil a história é outra, os esportistas quando chegam a fase adulta tem que escolher se vai optar pelos estudos ou dar continuidade no esporte. Os atletas brasileiros, para não deixarem de lado a sua carreira e terem oportunidade de entrar em uma universidade, fazem intercâmbio, ganhando bolsa de estudos para o exterior. Por essa falta de estrutura nas universidades brasileiras, o numero de brasileiros para o exterior vem aumentando. Segundo dados recentes da NCAA, dos quase 455 mil estudantes atletas, mais de 8 mil são intercambistas de todo o mundo. A estratégia é muito boa: oferecer estrutura de treinamento e oportunidade de crescimento para possíveis talentos nas ligas nacionais (RIBEIRO, 2013). O Brasil está longe de ter uma visão empreendedora. A formação do cidadão e falha das categorias de bases de muitas modalidades resultam em esportistas sem suporte, com resultados pífios e pouco retorno para o pais.

> possibilitar a continuidade de sua gestão. (ROGADO; MIRANDA, 2013, p. 6).

Há dez IES que possuem times universitários no Mato Grosso do Sul, mas não são filiadas à FUEMS, pois essas instituições consideram o esporte universitário apenas como gasto. Isso resulta no pequeno número de IES afiliadas, mostrando uma dura realidade do MS para manter um calendário esportivo universitário que contemple em apenas uma seletiva para os JUBS. E o ganhador da seletiva vai representar o estado nos jogos nacionais. Mesmo com todas essas dificuldades, segundo Rogado e Miranda (2013), a FUEMS encontra-se em 12° em estrutura no país. Para esse autor,

> A respeito das IES de Mato Grosso do Sul, apenas uma apresenta situação menos consolidada em relação as demais, por não possuir um setor específico de esporte e sim um projeto de extensão ligado ao curso de Educação Física. Outro aspecto importante que identificamos dentro da questão estrutural, é a utilização de profissionais habilitados no comando das equipes, já que apenas uma IES utiliza, na maioria de suas equipes, acadêmicos bolsistas para tais funções (MIRANDA, 2013, p. 4).

No caso da UFGD, cujos treinos são dados pelos monitores de esporte, bolsistas, descrevem os autores:

> Para manutenção de suas equipes, identificamos que as IES utilizam recursos próprios (destacando que a UFMS e a UFGD utilizam repasse de recursos federais), custos mensais que variam de R$ 90,00 à R$ 100.000,00, evidenciando uma disparidade muito grande entre as elas, mas mostrando significante relação entre o tempo de existência dos setores responsáveis pelo desporto universitário nas instituições, os valores dispendidos e os resultados, já que a instituição que possui equipes universitárias a mais tempo é a que destina maior montante monetário para a sua manutenção, com maior número de conquistas e com maior importância, proporcionando assim maior visibilidade e, consequentemente, maior retorno empresarial (MIRANDA, 2013, p. 4).

Para os autores, também, há grande necessidade de se organizar o esporte universitário de Mato Grosso do Sul, consideram que há desinteresse por parte de grande parte das IES do MS em investir no esporte universitário e, mesmo, desinteresse em filiar-se à FUEMS, destacando também a falta de organização da federação. Havendo uma falta de diálogo entre os agentes envolvidos, apontando a falta de atitudes dos gestores de esportes das instituições de ensino em sentido de cobrar mais da FUEMS e contribuir para um entendimento entre todos os envolvidos.

Entendemos que o diálogo é o melhor caminho para a criação de novas ideias e projetos que beneficiem o esporte universitário no MS. As dificuldades encontradas não podem ser maiores que o objetivo comum para melhoria do esporte universitário do

MS. Contribuindo para a socialização, formação dos cidadãos, qualidade de vida, transformando o esporte também em meio de divulgações da universidade e seu compromisso social, onde todos se beneficiarão com o esporte.

Segundo Adriana Brum, atleta universitária entre 2001 a 2003 (LIMA, 2012), ― para quem muitos dos atletas têm no esporte o único "passaporte" para ingressar no mundo acadêmico ― em geral, o esporte universitário brasileiro não funciona porque

> [...] as universidades brasileiras estão a anos-luz de dar condições plenas a atletas com potencial de se desenvolverem durante o período em que dividem as atenções com os estudos, treinos e competições. Menos mal é que hoje muitos atletas conseguem bolsas de estudo para assegurarem uma formação superior enquanto - fora das universidades - seguem investindo em suas carreiras de atletas (LIMA, 2012).

Destacam-se aqui dois pontos importantes: a) no Brasil não existe uma definição de agenda política esportiva, o que gera uma demanda de investimentos que não prevê uma proposta de realização de verba, e, b) na cultura do Brasil, não se consegue ver a união do esporte com os estudos.

Sabe-se que o esporte e a universidade são essência do modelo norte-americano, que é modelo para vários outros países do mundo. Entretanto, esse modelo de vincular o esporte a universidade, aqui no Brasil, não dá resultados muito animadores. Não existindo uma definição clara na formação de atletas, a universidade, o governo e os clubes ficam jogando a responsabilidade um para o outro, tendo consequência na criação do modelo norte-americano nas instituições de ensino superior no Brasil, conforme LIMA (2012).

Já para o professor de Politicas Publicas do esporte e vice-diretor do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Fernando Mezzadri:

> A formação de atletas dentro das universidades brasileiras não é eficiente porque o país teria ficado no meio do caminho entre dois modelos: o norte-americano, que forma atletas no sistema educacional, e o europeu, que atribui aos clubes essa responsabilidade [...]. Não temos um campeonato universitário forte por causa disso. Enquanto não tivermos um sistema nacional de esporte bem definido, não avançaremos (*idem*, *ibidem*).

Ressaltamos que, enquanto no Brasil há vários atletas de sucesso que tiveram que abrir mão dos estudos para priorizarem os treinos, na cultura norte-americana, essas duas coisas andam juntas: o esporte e os estudos. Além da grande oportunidade que os acadêmicos dos EUA têm, as instituições universitárias também têm uma grande fonte de lucro nessa parceria que são os jogos universitários. Lucrando tanto com o *marketing*

do campeonato quanto com os atletas que se destacam. Os atletas norte-americanos não recebem salário por sua atuação, apenas ganham a sua bolsa de estudos (LIMA, 2012).

No Brasil, muitos atletas de alto nível foram descobertos em peneiras, nas aulas de educação física, por olheiros. Depois de terem sido trabalhados, chegaram às grandes equipes, disputando mundiais e até mesmo jogos olímpicos. Porém, consideramos que esse número de jovens poderia ser maior se o Brasil tivesse politicas concretas de esporte dentro das universidades.

A realidade aqui é outra, na comparação com os Estados Unidos, onde o esporte universitário é responsável por fazer daquele país um multicampeão, quase sempre após descobertas feitas nos jogos universitários. Assim, os atletas universitários vão saindo das suas universidades e se tornando membros de equipes profissionais. Com torneios em alto nível, os atletas universitários norte-americanos ingressam nos times profissionais com grande experiência e bagagem técnica. Existem muitas condições reais desses alunos/atletas poderem ocupar uma vaga de titular nos grandes times, e, muitas vezes, vestirem a camisa de seu país, representando-o no exterior. Já os jovens brasileiros têm uma realidade dividida entre os estudos na escola ou faculdade e os treinos, diferente dos EUA, que facilita a vida dos estudantes/esportistas. Um fato muito importante é que lá nos EUA as notas das escolas influenciam e muito para um jovem participar de um time universitário (OTTONI, 2013).

Por tudo o que foi colocado até aqui, entendemos que os jogos deveriam ser levados mais para dentro das universidades, para que houvesse a mobilidade da comunidade acadêmica, dando visibilidade ao trabalho desenvolvido, criando uma rivalidade saudável entre as instituições no Brasil, desenvolvendo uma cultura no esporte universitário. Para entender possibilidades de isso existir na UFGD, entrevistamos os alunos/atletas dos JUMS 2015, conforme se segue, para pensar em evoluir o esporte em nossa universidade.

## 2 MÉTODO

Criou-se um instrumento de pesquisa semiestruturada para este estudo, contando com oito questões qualitativas e seis questões identificadoras dos alunos/atletas. Por meio das questões identificadoras, descobrimos que a idade média dos participantes da JUMS 2015 é de 22 anos, com idades entre 19 anos a 30 anos. Nossa amostra é constituída por seis respondentes do sexo masculino e quatro do sexo feminino. As

modalidades praticadas por eles foram: vôlei masculino, futsal feminino, handebol masculino, handebol feminino e basquetebol masculino. Os alunos/atletas representam a graduação e a pós-graduação; desde o primeiro até o quarto semestre, de cursos de graduação como Letras, Educação Física, Engenharia de Alimentos, Nutrição, Psicologia e Nutrição; um dos respondentes é mestrando.

As questões feitas aos participantes do JUMS 2015 inquiriram desde a frequência com que praticam/praticaram jogos universitários, passando pelas suas opiniões e impressões que têm sobre os treinos, os materiais e o pessoal de apoio referentes a suas modalidades, bem como como avaliaram a experiência que tiveram no JUMS 2015. Os alunos/atletas também avaliaram pontos de dificuldades que tiveram nessa experiência. E sugeriram melhorias na preparação técnica para futuras competições universitárias de desporto em suas modalidades.

Cada entrevista foi devidamente preenchida em papel e identificada, cada uma delas, pela letra inicial do primeiro nome de cada aluno/atleta e um número, garantindo-se, assim, sua anonimidade. Por outro lado, cada um dos alunos assinou um termo de cessão de dados, que poderá ser utilizado no futuro para garantir o uso científico dos dados colhidos e apresentados neste Trabalho de Graduação. Também foi entrevistado o Coordenador da DIESP, responsável pela atividade de esporte universitário na UFGD, apresentado a seguir. Segue abaixo o tratamento dado aos questionários e os resultados obtidos a partir das informações dos alunos/atletas.

## RESULTADOS

### Experiências anteriores como atletas universitários

A primeira pergunta feita aos alunos está relacionada à primeira vez em que os atletas entrevistados tinham participado dos jogos universitários (“Questão 1: Foi a primeira vez que participou dos jogos universitários?”). Todos os dez atletas que responderam ao questionário, responderam com “sim”. O JUMS de 2015 foi a primeira vez em que participaram de jogos universitários, seletiva que é competida por times dentro do Estado do Mato Grosso do Sul, a fim de ganharem vaga para o Jogos Universitários Brasileiros (JUBS). Foi a primeira oportunidade em que a UFGD teve em se fazer representar nesses jogos universitários, nos nove anos de existência da instituição.

Deste modo, o ano de 2015 marca o primeiro ano em que a UFGD participa da seletiva dos JUBS, que acontece todos os anos na capital de Mato Grosso do Sul,

Campo Grande. Essa primeira marca na história institucional da UFGD nesses jogos contou, com particular importância, com a determinação e força de vontade dos jovens atletas envolvidos, pois, ao saberem da participação da universidade nos jogos, agarraram com todas as forças a oportunidade. Após todos os esforços feitos, no sentido de introduzir a UFGD na História dos JUMS.

Por meio disso, conclui-se que, para todos os atletas respondentes dos questionários, foi a primeira participação nesses jogos, fato decorrendo e tendo-se em vista que a UFGD nunca antes participou de qualquer competição de nível universitário.

A segunda pergunta ("Questão 2: Você jogou algum campeonato da Universidade antes de fazer parte do time que foi representar a universidade no JUMS? ") está relacionada a se os atletas jogaram algum campeonato da Universidade antes de fazerem parte do time representante da universidade no JUMS 2015. Dos dez atletas que responderam ao questionário, apenas dois disseram que não haviam participado de competições anteriormente, pelo motivo de ser o primeiro ano em que estavam matriculados no Curso, e por não terem participado nos Jogos Abertos da UFGD 2015[7]. Os oito demais respondentes disseram "sim" à Questão 2, pois já haviam participado dos Jogos Abertos da UFGD.

Todos os entrevistados que entraram antes de 2015, ou seja, que estavam há mais de um ano na graduação, participaram dos Jogos Abertos da UFGD de algum dos anos anteriores. Os Jogos Abertos da UFGD ocorrem sempre no segundo semestre de cada ano, quando há todas as modalidades de esportes coletivos e de alguns individuais são disputados entre todas as faculdades da universidade, com cursos contra cursos. Os dois calouros entrevistados por mim entraram no ano de 2015, portanto, não conseguiram participar dos jogos daquele ano.

Além dos jogos universitários, foi apontado como competição já disputada a Olimpíadas da Liga das Atléticas (OLA). Nessa competição só participam os cursos que têm Atlética[8], e o acadêmico de cada curso tem que se associar-se a ela para poder competir. Esses jogos acontecem não só entre as Atléticas da UFGD, mas sim entre todas as Atléticas de Dourados-MS, inclusive com atléticas das universidades: Universidade Integrada da Grande Dourados (UNIGRAN) e da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), que também participam desses jogos.

[7] No ano de 2015 várias universidades federais no Brasil passaram por longa greve, impedindo que se realizassem várias atividades, sendo os Jogos Abertos um dos que não ocorreram na UFGD.
[8] Agremiação mantida pelos alunos nos diversos cursos de graduação com finalidades esportivas.

**Preparação para os jogos universitários JUMS 2015**

A terceira pergunta, subdividida em três perguntas menores, ("Questão 3: Teve treino antes da competição? Relate como foram os treinos? Teve técnico? ") questionou como os atletas treinaram antes da competição. A intenção da pergunta foi colher os relatos de como foram os treinos e se havia a presença de um técnico nesses treinos. Dos dez questionários respondidos, apenas duas demonstraram que não ocorreram treinos antes da competição; sete responderam que os alunos tiveram alguns treinos e uma respondente disse que teve apenas um treino antes da competição.

Dos atletas que disseram em seu questionário que houve alguns treinos antes da competição, nenhum respondeu que tinha a presença de um treinador para ministrar os treinamentos, os treinos eram ministrados pelos próprios alunos/jogadores. Segundo um desses alunos, "Houve algumas semanas de treinos, porém era ministrado por nós mesmo atletas" (resposta do atleta identificado como D1), no que é corroborado pela outra resposta "Sim, tivemos alguns treinos por conta própria do time" (resposta do atleta G1).

Há alguns depoimentos que devemos levar em especial consideração, como o da atleta P1, que afirmou: "Não sei se se pode se chamar o que tínhamos de treino, pois nunca dava [o número de] meninas o suficiente para que pudesse 'jogar', mas, ainda assim, o horário de treino era no sábado no período vespertino e servia mais para correrrmos e ficar dando 'toquinhos' na bola [passar a bola de um para o outro]. Uns 15 (quinze) dias antes dos jogos, um professor de Educação Física assumiu o time, pois antes era o monitor que comparecia aos treinos".

Podemos ressaltar algumas conclusões obtidas a partir das respostas obtidas para a Questão 3, resumidas da seguinte forma:

- Não houve treinos;
- Houve alguns treinos (Não houve muito tempo para treinos, o tempo foi curto, com apenas um mês para montar o time e se preparar);
- Não havia treinadores "técnicos" (Os treinadores eram os próprios atletas, e os times só tinham técnicos);
- Greve;
- Tempo Curto (O tempo de montar os time e treinar foi demasiadamente curto);
- Poucos atletas nos treinos (Falta de compromissos dos atletas nos treinos, as vezes não tendo o número suficiente para os atletas conseguirem treinar corretamente).

Em relação ao treinamento antes da competição, que a meu ver é da mais alta importância, como qualquer preparação antes de competições desportivas. Esse ciclo tão básico não existiu, contudo, ainda assim, foi aproveitado pelos atletas. Em decorrência, foram feitos treinos em um curto período de tempo, com o material esportivo e humano com que cada modalidade já disponibilizava.

Nenhuma modalidade tinha Treinadores durantes os treinamentos. Assim, o papel de "treinadores" durante os treinos foi exercido pelos próprios atletas; portanto, explica-se aqui que os Treinadores profissionais que foram para viagem eram pessoa que estavam ali para ajudar em cada modalidade durante o JUMS. Damos esta ênfase em particular porque cada modalidade precisa, obrigatoriamente, de um técnico devidamente registrado junto ao Conselho Regional de Educação Física (CREF). Cada participante, de cada modalidade, ficou responsável por achar um treinador voluntário, interessado em auxiliar os times da UFGD nos JUMS, porque é obrigatória a presença de um técnico com registro do CREF em cada partida. Um exemplo: no vôlei, o técnico foi um treinador do colegial de um dos integrantes do time; tal técnico aceitou auxiliar o time da UFGD sem qualquer vínculo com a universidade, viajando com a equipe para a capital do Estado, Campo Grande.

Assim como nas demais modalidades, os representantes dos times ficaram responsáveis por chamar alguém de seu círculo de contatos pessoais, que tivesse registro no CREF, a fim de ser o técnico responsável nos jogos na capital. Com uma exceção: uma funcionária da DIESP tinha CREF, e auxiliou o time de basquete masculino. Ela até poderia ser técnica de todas as modalidades, mas como os jogos eram no mesmo final de semana, em lugares diferentes e distantes, não teria como uma só professora ser técnica de todas as modalidades, pois toda partida precisava do técnico presente na quadra durante o jogo. Como pode haver confronto de jogos no mesmo horário e em locais diferentes, a técnica ficou ligada apenas ao time de basquete masculino. Também foi ressaltado nos questionários dos alunos/atletas, falhas na presença dos mesmos durante os treinos. Esse assunto gira em torno da greve também, pois No período dos JUMS, a UFGD se encontrava em greve. Como muitos atletas não residem em Dourados tiveram dificuldades de irem aos treinos.

## Opiniões decorrentes da participação nos Jogos Universitários JUMS 2015

Tendo sido a quarta pergunta sobre o que os participantes tinham achado da sua experiência nos jogos, e quais as dificuldades e pontos favoráveis ("Questão 4: O que

achou da experiência dos jogos? Aponte dificuldades e pontos favoráveis"), descobrimos que todos os respondentes acharam interessante, uma experiência boa, por terem participado dos jogos e terem vestido a camisa da universidade. Houve diversos pontos favoráveis; já as dificuldades, se resumem na mesma resposta, pois foi quase a mesma para todos os entrevistados.

O campeonato, para eles, serviu para terem interação não só entre os cursos da faculdade, mas, também, entre as demais faculdades da capital que estavam participando da competição, o esporte unindo diferentes pessoas e cursos com algo em comum: o esporte.

Mas as dificuldades apontadas por eles foram quase à mesma: a falta de patrocínio. Os alunos/atletas relataram que tiraram dinheiro do próprio bolso não apenas para pagar sua alimentação durante a representação da UFGD no JUMS 2015, mas até para pagarem a arbitragem fizeram esse gesto. Os respondentes consideraram a falta de apoio financeiro uma falta de incentivo para o esporte e pra quem o pratica. Ao listar os Pontos Favoráveis listados pelos alunos/atletas, destacou-se:

- Poder participar;
- Interação dos atletas;
- Introdução do esporte universitário competitivo na universidade;
- União dos cursos por meio do esporte, e;
- União de todos os atletas por meio do esporte.

A lista de Pontos Desfavoráveis poderia ser resumida da seguinte maneira:

- Convite em cima da hora;
- Necessidade dos próprios atletas pagarem alimentação e na arbitragem;
- Falta de patrocínio para os atletas;
- Falta de treinos regulares;
- Atletas que faltaram aos treinamentos, prejudicando no entrosamento do time;
- Greve da universidade federal.

Em resumo, para os respondentes, os jogos universitários foram de muito proveito para todos, dando grandes experiências a muitos ali que nunca o vivenciaram. O esporte, como um todo, não só servindo para distração ou lazer na vida dos atletas, mas, sim, também como uma ferramenta de socialização dos atletas, dentro de sua própria universidade e com as demais universidades que fizeram parte da competição. O aluno/atleta T3 confirma esse posicionamento quando diz que: "Como ponto favorável,

apesar dos erros [o JUMS 2015], motivou o time a treinar mais para os próximos jogos".

A falta de tempo contribuiu muito no resultado final da competição. Pouco tempo para treinar, potencializado pelo fato de não haver um técnico especifico para auxiliar nos treinos, atletas tendo que pagar do próprio dinheiro do bolso a alimentação e a arbitragem para representarem uma faculdade federal, que pode ter verbas destinadas a esse tipo de atividade, causou incomodo para os atletas, de acordo com suas respostas. Mas nem esses motivos diminuíram suas forças e suas vontades de representar a universidade; pelo contrário, demonstraram em suas respostas, o interesse de se superarem no JUMS 2016.

**Avaliação dos desempenhos dos próprios times nos JUMS 2015**

A quinta pergunta (Questão 5: "Qual foi o desempenho do seu time no JUMS?") diz respeito ao desempenho do próprio time nos jogos universitários. Das cinco modalidades que representaram a UFGD, nenhuma chegou ao tão sonhado lugar no pódio, isto é: o primeiro lugar. Porém, os alunos/jogadores avaliaram o seu desempenho como "não tão péssimas", "razoável", "mediano". Destacam-se o futsal feminino e o handebol feminino, que ficou em segundo lugar, e o basquete e o handebol masculino, que ficaram em terceiro lugar em suas modalidades. Um resultado relativamente positivo, pois o número de times participantes era pouco. No futsal e no handebol feminino, por exemplo, havia apenas dois times, no basquete, três, e no handebol quatro.

Consideram os respondentes que mais o prejudicou o resultado final foi a falta tempo, poucos treinos, pouco entrosamento, os desfalques que aconteceram com alguns atletas de várias modalidades. Há atletas no time, mas esses não compareceram aos jogos na capital, interferindo em um melhor resultado do seu time na competição. Corroborando essa conclusão, o aluno T3 afirma que "a falta de comprometimento de alguns participantes do time em que muitos não iam aos treinos desfavoreceu com que houvesse um maior entrosamento do time". No que concorda com A1: "Considerando que tínhamos 8 jogadoras e apenas 5 compareceram".

Nenhum atleta considerou negativo o desempenho da sua modalidade, apesar de enfatizar o pouco tempo, a falta de treinador e a falta de patrocínio. Concluímos que há muita coisa a ser mudada para as futuras competições universitárias, normas para serem

feitas e cumpridas nesse sentido, por exemplo: notamos que muitos times saíram perdendo pelos desfalques dos atletas de sua modalidade.

Por falta de incentivo, ou algum outro motivo pessoal, prejudica-se aquele que ali estava disposto a ajudar seu time. Os atletas, mesmo sem incentivo, foram para a competição e deram o seu melhor. Também responderam que não conseguiram o resultado que esperavam, pelo fato de serem do primeiro ano na competição ou de estarem sem incentivo, mas competiram de igual para igual com atletas que passaram o ano de 2015 se programando para os jogos.

Por conseguirem representar a sua universidade nos jogos universitários, mesmo com os erros e dificuldades que venceram, responderam que se motivam a buscarem uma melhoria para os próximos anos de competição.

Já a sexta pergunta ("Questão 6: Pretende jogar os jogos em 2016? O que precisa ser feito para a UFGD ir melhor preparada em 2016?") indica tanto que os alunos/atletas pretendem jogar nos jogos no ano de 2016, quanto as melhorias que poderiam ser feitas para aperfeiçoar o desempenho dos times da UFGD em 2016. Dos dez respondentes do questionário, apenas dois responderam que não participarão em 2016, por estarem terminando as suas graduações, mas os demais oito responderam que pretendem participar dos jogos universitários JUMS de 2016.

E como melhoria, todos concordam que tempo e organização são fundamentais para os times em 2016 nos jogos universitários. Sendo avisados com meses de antecedência, para não formarem times às pressas, para melhorar o rendimento nas quadras. Um técnico para cada modalidade, que tenha conhecimento referido de cada esporte, e mais comprometimento dos atletas com o seu time e com a faculdade. Essas são conclusões tiradas das respostas dos alunos/atletas, das quais destaco: "Treinos com treinadores especializados no esporte, incentivos aos melhores atletas, e patrocínios para os atletas e a para a faculdade", (resposta de G1); "é preciso mais preparo em si, treinos com um técnico disponível auxiliando, pois a opinião de alguém que vê de fora e tem conhecimento, que entende sobre o esporte ajuda muito no preparo e nas melhoras que podem ser feitas" (resposta de L1); "Para a universidade ir preparada para os próximos jogos, os integrantes de cada time devem ter comprometimento com o time e com a universidade, em comparecer aos treinos e se responsabilizar em comparecer no dia do campeonato" (resposta de T3). No geral, os respondentes apontam melhorias na:

- Organização;

- Comunicação com os acadêmicos;
- Treinos qualificados;
- Comprometimento dos atletas;
- Treinadores especializados;
- Incentivos aos melhores atletas;
- Patrocínio para atletas e faculdade;
- Bolsas-atleta;
- Passes de ônibus para deslocamento aos lugares dos treinos. É notável que todos que participaram dos jogos universitários JUMS em 2015, mesmo com todas as dificuldades que enfrentaram; não desistiram do seu esporte e querem representar a sua universidade nos jogos no ano de 2016. Certamente que querem melhorias, nada absurdas, um mínimo necessário para terem a condição de atletas.

Os próprios atletas notam o desinteresse de alguns nos treinos, nas competições e pedem mais comprometimentos deles, com o time e com a Universidade. Normas têm que ser feitas para serem seguidas, ou seja, devem agir conforme o mínimo combinado quanto a seus comprometimentos.

**Posicionamento diante do esporte**

Respostas dadas para a sétima pergunta feita indicam a importância do esporte em geral na vida particular e acadêmica dos respondentes (Questão 7: "Qual a importância do esporte em geral na sua vida particular e acadêmica? "). Os participantes confirmaram o amor pelo esporte, algo que cresceram praticando, estando um contado desde pequenos com o esporte. Isso nos leva a confirmar que o esporte pode ser um agente de socialização, que ensina com ele de duas formas: tanto perdendo, como ganhando. Tendo muitas vantagens, como alívio do *stress*, fazendo bem à saúde física e mental.

O esporte, para mim, serve também como uma válvula de escape para a vida acadêmica, que não é nada fácil, e pode tirar um pouco da tensão da vida acadêmica. O esporte tem que ser levado as pessoas, deve ser percebido como um benefício não só na saúde mental ou física, mas também na socialização das pessoas.

Nesse sentido, concorda P1, ao dizer que "Futsal é praticamente minha vida, jogo desde criança e largo tudo pra ir "bater uma bolinha". Já na acadêmica ele funciona mais como uma válvula de escape, pois me relaxa e me faz pensar em outras coisas". Já

L2 afirma: “Eu acredito que o esporte é essencial em nossa vida. Ele ajuda na socialização, na saúde física e também psíquica, além de diversos outros benefícios”; do mesmo modo que A1:. “Sou apaixonada por esportes, então pra mim, esporte é mais do que uma questão de saúde”. Em suma, os respondentes concordam com motivações pelos elementos funcionais e socializadores do esporte, tais como:

- Paixão pelo esporte;
- Questão de saúde;
- Aprendendo com o esporte, na perda ou no ganho;
- Amizades;
- União;
- Conhecimento;
- Experiência de vida;
- Pratica agradável;
- Saúde física e mental;
- Válvula de escape.

Ou, ainda, pelas motivações profissionais/financeiras:

- Motivacional;
- Bolsa;
- Ajuda nas minhas despesas.

O esporte, assim, foi descrito pelos participantes como algo de “paixão”, algo que vem acompanhando-os por muitos anos. Respondem ainda que o esporte não serve só para ser jogado; como ele tem seus princípios e regras, quem o pratica vai aprendendo e criando um comportamento diferenciado. Mostrando que se aprende com o ato de jogar, seja ganhando ou perdendo. Respondem também que o esporte é uma ferramenta de socialização para os acadêmicos, trazendo união do time que compete. Uma pratica agradável para quem pratica, trazendo bem-estar e saúde física e psíquica. Para os acadêmicos o esporte vem como uma função de válvula de escape, para controlar, relaxar, levar a pensar em coisas boas, colocar a cabeça no lugar.

A oitava pergunta (Questão 8: “Dê uma proposta para fazer uma seletiva para montar um time na sua modalidade? ”) demanda dos participantes opinião sobre como deveria ser feita a seletiva da sua modalidade para jogos universitários como os JUMS. Diversas ideias foram apontadas, a maior parte dela indica, sem dúvida, que se deve

fazer uma peneira para cada modalidade, divulgando dia e horário das seletivas, a ser exibido em site da universidade, com divulgação em pôsteres em todas as faculdades.

Os respondentes também acreditam que há necessidade de treinos regulares durante toda a semana, exclusivo para a modalidade, com treinos físicos e táticos. Isso permitiria selecionar os melhores a serem convocados para treinos diferenciados, com situações reais de jogo, um treino mais específico, estratégico.

Propõem continuar com treinos, tornando esses treinos supervisionados, com técnicos, fortalecendo-os para formar equipes mais coesas. Isso indicaria que abrir uma seletiva mais especifica para posições que tenha um número maior de atletas. Em decorrência, isso daria oportunidade para aqueles alunos que realmente tenham compromisso de ir para outra cidade, vestindo a camisa da universidade e representando-a.

Nesse sentido, o entrevistado T2 deu a resposta mais completa: "Bom, eu tenho três [propostas]: 1 - observar os jogadores que melhor se destacam nos Jogos abertos da UFGD; 2 - fazer uma peneira de jogadores, fazendo uma chamada coletiva na UFGD, e; 3 - observar jogadores nas monitorias que tem de cada esporte". A maneira com que o entrevistado T2 descreveu os meios de recrutar os melhores atletas para fazer parte dos times da UFGD seria o caminho que eu seguiria. Pensando em todas as formas e maneira mais viáveis, para não excluir nenhum atleta que tenha o interesse em participar. Assim, eu concordo com essa resposta, pois me parece ser o melhor modo de se fazer uma seletiva para as modalidades.

No geral, as respostas à Questão 8 incluíram:

- Divulgação em site sobre a seletiva;
- Divulgação nos Blocos;
- Treinos específicos;
- Técnicos;
- Observar os jogadores que se destacam nos jogos abertos;
- Fazer uma peneira de cada modalidade;
- Observar jogadores nas monitorias.

Complementamos propondo que se deve observar primeiramente, os jogos abertos, e convocar os melhores atletas para uma peneira, observando os treinos da monitoria. Por último, entendemos que após uma peneira devem-se chamar os demais acadêmicos da UFGD interessados em participar, divulgando no site e nos blocos, com

vistas a formar os times. Também deve-se avaliar os atletas como um todo, ou seja: sua postura dentro de quadra e com os demais atletas; suas técnicas dentro do esporte; seu conhecimento; e suas vivencias. Para não formar, apenas, um time taticamente forte, mas, isso sim: um time que tenha fundamento e entrosamento. E que, principalmente, leve a sério o time e a universidade.

## DISCUSSÃO

O que parece contraditório é o desinteresse com o esporte por parte das universidades públicas, dando a impressão que não há praticas esportiva nelas. Apontando a superioridade das universidades particulares na participação dos Jogos Universitários Brasileiros contra as demais, públicas.

O que se pretende neste trabalho é pensar as possibilidades de como os acadêmicos que foram atletas no seu colegial, representando sua escola nos campeonatos e jogos estudantis, tenham as mesmas oportunidades depois que ingressarem no meio acadêmico, podendo representar a sua universidade em jogos universitários. Até mesmo aqueles que não tiveram um histórico nas escolas, mas que possam a passar a ter na faculdade.

Entendemos que é possível pensar um modelo em que o atleta do ensino médio vai ingressar na faculdade, vai fazer parte de uma seletiva da modalidade da qual pretende ser inserido. A partir daí vai passar a frequentar os treinos, fazendo parte do time, para poder participar dos campeonatos universitários, representando a sua universidade. Ainda que a UFGD seja uma universidade recém-criada e sem histórico nenhum nas competições de nível universitário, acredito que é algo a ser tratado em breve. Proponho, principalmente, planejar uma ajuda de custo para esses jovens atletas, que vestiriam a camisa da nossa universidade.

Essa ajuda de custo seria, para nós, como uma bolsa-atleta para incentivar e dar um auxílio para os atletas desenvolverem as suas capacidades, em suas respectivas práticas esportivas. Um incentivo a mais para irem ao treino, não só pelo esporte, mas também para se locomoverem, e terem um compromisso maior. Contribuindo para uma melhoria de sua qualidade de vida e formação acadêmica.

Concorda, inclusive, com nosso trabalho, o Coordenador da DIESP, Prof. Dr. Daniel Traina Gama, que fez referência direta a esse ponto em entrevista quando perguntado sobre a melhoria do esporte universitário na UFGD, dizendo:

> Agora se a gente tivesse a oportunidade de um ajuste financeiro, tiver uma política de desenvolvimento que abrange o esporte competitivo, através do incentivo do governo federal, também seria uma boa, precisa-se pensar o quanto isso é importante para a instituição ou não, precisamos refletir um pouco, eu não tenho uma resposta pronta nesse momento, eu preciso fazer um estudo, entender o quanto isso seria importante pra universidade, um governo investir no esporte competitivo, porque é uma mão-de-obra cara (ENTREVISTA, 2016).

Assim, concluímos que o Coordenador da DIESP acredita, também, que para a melhoria do esporte universitário o governo deve intervir. Pensamos da mesma maneira.

Mesmo parecendo um projeto menos necessário, devido à crise, levando-se em consideração outras prioridades, não entendo esse projeto como somente um projeto pelo esporte, mas, sim um projeto de quem pratica um esporte e quer levar adiante essa ideia. O esporte não ajuda só na socialização dos alunos com os demais integrantes do time, mas também no seu rendimento acadêmico, ajuda a desenvolver um espirito esportivo, proporcionam grandes possibilidades incríveis para o crescimento e desenvolvimento de quem pratica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dos questionários aplicados nos acadêmicos indicam que é preciso de mais incentivo no esporte da universidade, como a bolsa atleta por exemplo. Já na entrevista feita com o diretor da DIESP, ele relata que é preciso primeiro criar uma cultura no esporte universitário da UFGD, que não existe uma cultura ainda na universidade, pelo fato de ser o primeiro ano que a universidade participa dos Jogos Universitários do Mato Grosso do Sul.

Acreditamos que seja necessário criar uma cultura no esporte universitário da UFGD sim, mas primeiro tem que haver um incentivo maior, como a adesão da bolsa atleta. Assim como existem algumas bolsas que incentivam os acadêmicos a permanecerem no ensino superior (bolsa permanência, alimentação, PIBIC, PIBID, monitoria, entre outras.) no esporte também deve haver esse tipo de incentivo. Os alunos atletas que compõem os times e estão representando sua universidade também precisam receber incentivos para poderem permanecer no esporte, acarretando assim uma formação de uma cultura no esporte universitário, necessitando para isto de uma intervenção do governo.

Mesmo não tendo um conhecimento aprofundado, não sendo economista e nem técnico administrativo, e mesmo sabendo que não existem recursos financeiros para a

criação de uma bolsa de apoio aos acadêmicos atletas, sugerimos que a "Bolsa-Atleta da UFGD" seja elaborada, para que assim comece a se desenvolver também uma cultura esportiva, acreditando ser este o caminho para criarmos uma cultura no esporte universitário da UFGD.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. G. Liderança na gestão do esporte universitário: proposta da criação de uma rede de dados. 2014. *Dissertação* (Mestrado). Faculdade de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

LIMA, J. D. Um modelo de fazer inveja aos brasileiros. *Gazeta do Povo,* Curitiba: Encarte Educação, 09 dez 2012.

CUNHA A. S. et al. Relação custo-benefício de atletas profissionais comparado com atletas não-profissionais como ferramenta de marketing nas universidades brasileiras e americanas. *EFDeportes.com, Revista Digital,* Buenos Aires, Ano 15, n. 150, Nov., 2010.

DACOSTA, L (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

OTTONI, D. No Brasil, esporte universitário não é levado a sério. *O Tempo*, Belo Horizonte: Encarte de Esportes, 19 agosto 2013. Disponível em: < http://www.otempo.com.br/superfc/no-brasil-esporte-universit%C3%A1rio-n%C3%A3o-%C3%A9-levado-a-s%C3%A9rio-1.699283>. Acesso em: 22 de mar. 2016.

RIBEIRO, G. Esporte em geral: O valor do esporte universitário. *Entrando no Jogo*, Online, 09 abril 2013. Disponível em: < http://entrandonojogo.com.br/esporte-em-geral-o-valor-do-esporte-universitario/>. Acesso em: 20 de mar. 2016.

ROGADO, M. P. M; MIRANDA M. F. Diagnóstico do esporte universitário de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil. *FIEP Bulletin On-line,* v. 83, Special Edition - ARTICLE II – 2013, 2013.

STAREPRAVO, F. A. et al. Esporte universitário brasileiro: Uma leitura a partir de suas relações com o estado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.31, n.3, p. 131-148, mai., 2010.

STAREPRAVO, F. A. *et al.* O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva, *Esporte e Sociedade*, ano 5, n.14, mar/jun, 2010.

WOLF, E. Esporte universitário na UFRGS: Seus limites e suas possibilidades**.** 2014. *Monografia* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.